

SEMPRE

ainda sempre ainda

É consenso que vivemos uma época na qual muito ao nosso redor parece entrar em crise: o clima, o capitalismo, a democracia, as gastas epistemologias ocidentais, as falsas promessas tecnológicas. Diante dessa constatação, torna-se evidente a necessidade de alterarmos os modos de funcionamento da nossa sociedade. Mas é justamente aí que nos vemos diante de outro impasse. Testemunhamos um momento no qual a imaginação política parece entrar em compasso de bloqueio. Imaginar – isto é, expandir os horizontes negociáveis do possível – seria o gesto inicial para a transformação do porvir. Se as imaginações estão obturadas, como começar a transformar o presente e reverter a trilha que semeia um futuro distópico? Parte do que origina esse estado de imaginação obturada não estaria no fato de que há uma linguagem nova que deveria emergir? Ou seja, uma outra e inaudita gramática deveria aflorar como uma espécie de motor para as mudanças, mas, entretanto, não aflora.

Toda a exposição **ainda sempre ainda**, de Marilá Dardot, em cartaz no MUPA¹, toca nessa região sensível do presente e estabelece uma relação com o campo da linguagem. Se é verdade que somos saturados por palavras cotidianamente – nos portais da internet, nas redes sociais, nos grupos de WhatsApp, nos jornais, nas revistas –, também é fato que estas parecem a cada dia mais gastas, menos fortes em sentido, peso, consequência. Por isso, as palavras aparecem aqui desviadas de seus lugares e usos originais.

LUISA DUARTE

Surgem agora recortadas, editadas, coladas, aproximadas, rasgadas, pintadas, para que, nesses reviramentos, possam voltar a dizer no significado pleno do termo. E, mais ainda, possam vir a agir.

Na grande instalação

Modelo para armar (2022), substantivos extraídos de revistas jornalísticas publicadas no Brasil desde 1973 (ano de nascimento da artista)² são colados sobre pedaços de caixas de papelão. Fragmentados, formando um quebra-cabeça incompleto, são convites para que cada um de nós estabeleça novos sentidos. Da arte ao desafio, da branquitude ao racismo, da democracia ao colapso, do pensamento ao pranto, do prazer à greve, todos estão ali para tecer outras narrativas históricas, políticas, afetivas e, ainda, revelar através das suas diferentes escalas a importância que cada um possui para a mídia impressa. Nesse gesto rizomático, a artista desfaz a narrativa oficial em favor de outras ainda em aberto (como as caixas), prontas para serem escritas, armadas, articuladas.

Modelo para armar condensa procedimentos e questões que estão espalhados pelo conjunto da exposição. Em todas as obras aqui reunidas comparece o uso de materiais simples, encontrados no cotidiano. Essa escolha não é acidental. Parece estar sendo dito aí que devemos começar a alinhar essas outras narrativas desde já, com o que temos à mão, à luz das urgências do presente. Em cada trabalho a artista traça um vínculo entre palavra e ação³, afirmando crítica e poeticamente que estabelecer outros usos para a linguagem é um dos modos de não nos assujeitarmos ao fracasso ininterrupto do agora.

Nesse sentido caminha o trabalho **O Brasil O Brasil (2022)**, no qual vemos recortes de revistas que nos dizem múltiplas vezes “O Brasil”. Tais recortes são colocados em uma superfície metálica, formando uma longa frase feita de diversas cores e tipologias que clama por um país que assiste, num misto de espanto e paralisia, a um prolongado colapso político e social. Note como aqui a palavra escrita ganha uma face vocal; a reiteração do nome do país – O Brasil O Brasil – parece traduzir tanto o estado de perplexidade diante de uma realidade na qual todas as linhas toleráveis foram ultrapassadas quanto um chamado por um Brasil que urge se reinventar.

Esta obra remete a uma ideia presente em alguns textos da jornalista Eliane Brum, segundo a qual a atual crise do Brasil é também uma crise da palavra. Em “O golpe e os golpeados – a barbárie de um país em que as palavras já não dizem”, Brum afirma: “Se há um genocídio negro, se há um genocídio indígena, e conhecemos as palavras, e as pronunciamos, e nada acontece, criou-se algo novo no Brasil atual. Algo que não é censura, porque está além da censura. Não é que não se pode dizer as palavras, como no tempo da ditadura, é que as palavras que se diz já não dizem. (...) Assim, é ainda mais complicado do que censura, é ainda mais complicado do que não poder dizer. Porque, de novo, as palavras existem. As palavras são ditas. Mas nada dizem, porque não produzem movimento suficiente para transformar a realidade”⁴.

Para que as palavras possam voltar a dizer será preciso um deslocamento em nossa relação com as mesmas. Pois não é que nos faltem palavras hoje – ao contrário, estas transbordam por todos os lados, ainda mais na era dos celulares conectados à internet. Se a quantidade excessiva dificulta a elaboração do que nos chega, a forma também não contribui. Escritas e lidas sobre telas de modo quase sempre apressado, são palavras destinadas ao esquecimento. Guardam consigo um paradoxo: estão armazenadas *para sempre* nas nuvens de bytes, mas dificilmente serão reencontradas. Ao se apropriar das palavras impressas em papel, Dardot as posiciona uma vez mais no tempo e no espaço, assim como

instaura um estatuto de imagem – as palavras têm distintos tamanhos, cores e formas. Para, em seguida, revirar seu contexto original através dos gestos de edição e colagem.

Exemplo desse reviramento ocorre em **Linha do tempo (2022)**. Aqui, advérbios recortados de revistas formam uma linha do tempo quebrada em sua cronologia ao embaralhar passado, presente e futuro. É possível ver esse trabalho tanto como o retrato de um Brasil que ao se olhar no espelho em 2022 enxerga fantasmas que pareciam sepultados no passado, quanto também um gesto que recorda a potência da temporalidade intempéstiva. Aprendemos com Walter Benjamin que, ao se apropriar do passado tal como este relampeja num momento de perigo, o historiador materialista tem a chance de “despertar no passado as centelhas da esperança”⁵. Este *momento de perigo* é a inflexão que determina toda a diferença, que tira a história do curso do sempre-igual e a coloca em outro caminho, a partir do qual ponto de vista não é mais o dos vencedores, mas o dos vencidos.

Se a potência das palavras está interdita, relegada a um lugar de atrofia ou banalização, os atos que visam resgatar uma relevância diluída pedem diferentes abordagens. Em **Modelo para armar, Linha do tempo, O Brasil O Brasil**, as palavras retiradas de revistas se acumulam. Já na série **Palavra figura de espanto (2022)**, o percurso é diverso. Dardot visita os livros – esses objetos tão caros à sua trajetória – e se põe a descascar os tecidos de suas capas, dando a ver cores e texturas antes veladas. A esse gesto subtração que revela o que foi apagado, segue-se o ato pontual de escrita em letraset do vocábulo “palavras” seguido de diferentes atribuições – palavras cansadas, palavras secretas, palavras ao vento, palavras calmas, palavras nuas, palavras lembradas, palavras esquecidas, etc.

Neste e em outros trabalhos de **ainda sempre ainda** ocorre um vínculo entre palavra e ação. Sabemos como o campo da linguagem escrita é historicamente associado ao “mundo das ideias”. O que está em jogo no pensamento metafísico ocidental é a cisão da realidade em dois planos distintos: um que seria permeado por falhas e erros, imerso na mudança constante, nas agruras do sensível; e outro estável, eterno e inteligível, despojado de carne e osso. Neste projeto, o modo de conhecimento privilegiado foi o do discurso racional.

Mas, note, o discurso racional escrito. O Ocidente, em sua história metafísica, desde Platão, precisou privilegiar a escrita, já que, comparada às imagens, era mais próxima da recomendação de que devemos escrita ganhou a dianteira como forma de se levaria até a verdade, a essência, a intenção, o que faz a artista em todas as obras é justamente colocar as palavras só com o mundo da vida, com imagética, mas também e da ação. Os gestos

esta que permitia uma abstração conceitual vinculada ao mundo físico, por estar “ver com os olhos do espírito”, a percorrer a pedagogia que ligibilidade. obras hoje apresentadas em estreito diálogo não a dimensão sensível, com a esfera do corpo de cortar, rasgar, editar,

still ever still

There is consensus that we live in a time in which so much that surrounds us has succumbed to crisis: the climate, capitalism, democracy, worn-out Western epistemologies, false technological promises. This realization highlights the need to change the way our society functions. Yet it also confronts us with another predicament. We stand before a moment in which the political imagination seems to have been brought to a halt. To imagine, that is, to expand the negotiable horizons of what is possible, is an initial gesture in the direction of transforming the future. If imagination has been blocked, how are we to begin to transform the present and reverse the path that is leading us straight into a dystopian future? Might it not be that this blockage of the imagination is due, in part, to the need for a new language? In other words, a different and previously unheard-of grammar that must flourish, a sort of motor for change that has not yet emerged.

Marilá Dardot’s entire exhibit, **ainda sempre ainda [still ever still]**, refers to this sensitive region of the present and forges a relationship with the field of language. While it is true that we are traversed by words every day – on

Internet portals, in social media, WhatsApp groups, newspapers, magazines, books – it is also the case that these words seem worn out, debilitated in meaning, weight and consequence. For this reason, they appear here as if removed from their original positions and uses. And thus, they emerge – cropped, edited, pasted, approximated, torn, painted – so that, from these twists and turns, they can again make meaning, in the full sense of the term. And be set into action.

In the large installation **Modelo para Armar [A Model kit]**, nouns that have been cut out of magazines published in Brazil since 1973 (the artist’s year of birth year)² are pasted onto pieces of cardboard boxes. Fragmented, forming an incomplete puzzle, they invite us to come up with new meanings. From art to defiance, from whiteness to racism, from democracy to collapse, from thought to tears, these words are summoned – to weave other historical, political, affective narratives and also reveal, through their varying scales, the importance that each one has for the print media. In this rhizomatic gesture, the artist undoes the official narrative in favor of others that are still

open (like the boxes themselves), ready to be written, set up, articulated.

A Model kit condenses procedures and issues that are spread throughout the whole exhibit. In all the works that appear here, simple materials, ones that can be found in daily life, are used. This is not coincidental. It seems to be saying that we should already begin to put these other narratives together, with whatever we have at hand, in light of today’s urgencies. This is the meaning that Marilá Dardot weaves into each of her works, connection between word and action³; she asserts, critically and poetically, that to forge other uses for language is a way to refuse subjugation to the continuous failings of the present, and to sow other ways to imagine the future.

This is the direction that the piece **O Brasil O Brasil [Brazil Brazil]** (2022) takes us in. It is composed of magazine clippings that speak to us, repeatedly, with the same words, “O Brasil”. The clippings are placed on a metallic surface, comprising a long sentence of different colors and fonts that clamor for a country that is witnessing, with a mixture of fear and paralysis, a prolonged social



MARILÁ DARDOT

Domine seu idioma*Master your language*

2021

Marcador permanente sobre livros

Permanent marker on books

Cortesia da artista e Galeria Vermelho

Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

and political collapse. Note here how the written word is transformed into voice: the reiteration of the name of the country – **O Brasil O Brasil** – seems to translate a state of perplexity regarding a reality in which all the lines of what is tolerable have been crossed, and becomes, at the same time, the call for a Brazil that must reinvent itself.

This work reminds us of an idea that appears in several pieces written by the journalist Eliane Brum, in which she states that Brazil's current crisis is also a crisis of the word. In "O golpe e os golpeados – a barbárie de um país em que as palavras já não dizem" ["The coup and those it has beaten – the barbarism of a country where words no longer speak"], Brum states: "If there is ongoing genocide against Afro Brazilians, against Indigenous peoples, and we know the words for this and we pronounce them, and nothing happens, this constitutes something new, pertaining today's Brazil. Something that is not censorship, because it is beyond censorship. It's not that you can't say the words, as was the case during the dictatorship; rather, the words you pronounce no longer 'speak' (...). Hence, it is even more complicated than censorship, it is even more complicated than being forbidden to speak. Because, again, the words are there. The words are spoken. But they mean nothing, because they do not produce enough movement to transform reality."⁴

So that words can again say something, we must promote a change in our relationship to ourselves. Because today, we are not deprived of words; rather, they overflow, everywhere, even more so in these days of ever-connected smartphones. If their excess makes it hard for us to process them, their form is not helpful either. Almost always written and read hurriedly, onscreen, they are words destined to be forgotten. They bear within themselves a paradox: they are stored forever in cloud bytes, from where it is unlikely they will ever be recovered.

Putting words printed on paper to new use, Dardot again locates herself in time and space, and at the same time translates words into image – they take on different sizes, colors and shapes. She goes on to unsettle their original context, through gestures of editing and collage.

We find an example of this unsettling in **Linha do tempo [Timeline]** (2022). In it, adverbs clipped from magazines make up a timeline whose chronology is interrupted, shuffling past, present and future. This work can be seen as a portrait of a Brazil that, in looking at itself in the mirror, in the year 2022, reencounters ghosts seemingly buried in the past, as well as gestures that remind us of the power of an untimely temporality. We learn with Walter Benjamin that, in appropriating the past as it flashes before us in a moment of peril, the materialist historian has a chance to "awaken

from the past, some sparks of hope"⁵ This moment of peril is the inflection that determines all difference, that takes history from the course of business-as-usual and places it on another path, one where the prevailing point of view is no longer that of the conquerors, but of the underdog.

If the power of words is hobbled, degraded, or atrophied, actions that seek to revitalize their diluted relevance demand different approaches. In **A Model kit, Timeline and Brazil Brazil**, words clipped from magazines proliferate. In the series, **Palavra figura de espanto [The word, figure of amazement]** (2022), another path is taken. Dardot returns to books – objects very dear to her art – and begins to unravel the fabric they are bound in, so that previously hidden colors and textures emerge. This gesture of subtraction, revealing that which had been erased, is followed by the precise action of using letter stickers to spell out vocables which are then qualified: as 'tired words', 'secret words', 'words in the wind', 'peaceful words', 'naked words', 'remembered words', 'forgotten words', etc.

In this and other works of **still ever still**, word and action are connected. We know that the field of written language is historically associated with the "world of ideas". What is at stake in Western metaphysical thought is the splitting of reality into two different planes: one that is permeated by flaws and errors, immersed in constant change and the

aproximar, colar, são tão importantes quanto aquilo que está sendo dito e lido. Ao subverter o lugar ideal das palavras, Dardot busca, a um só tempo, expor o jogo de poder do qual participam e reaver a sua potência de gerar espanto. Espanto que surge, por sua vez, como germe da ação.

A proximidade entre palavra e ato com vias a expor o mecanismo de construção das narrativas vencedoras comparece em **Ações do mundo** (2021). Aqui testemunhamos novamente o ato de subtração como propulsor de sentidos inauditos. Páginas da coleção "Nações do mundo" nas quais se encontravam mapas são descascadas, formando cartografias fragmentadas. Justapostos a esses mapas alterados estão os índices dos livros, no quais lemos frases de caráter nacionalista, tais como "O gigante da América do Sul", "Explorações e conquistas", "Ricos e pobres, brancos e negros". Na parte de cima do trabalho, um pedaço do tecido da capa foi dobrado, retirando a letra *n* e fazendo com que a palavra "nações" se torne "ações". Nesse movimento sutil, a artista expõe o quanto de ficção existe nas construções geopolíticas dadas, sendo possível, assim, estabelecer diferentes configurações.

Deslindar o modo como o uso das palavras perpetua poderes é igualmente o mote de **Domine seu idioma** (2021), onde uma coleção de dicionários é o suporte para um jogo com expressões associadas à fala. A ideia de um idioma comum é trocada pela de "seu idioma", pressupondo diferenças e dissidências, abrindo brechas para articulações simultaneamente diversas e singulares.

A subversão do papel dos livros como espaços de eternização dos poderes vigentes se encontra, por fim, na série **LIBROS Y** (2022). O trabalho tem origem no encontro da artista com um letreiro de rua na Cidade do México que anunciava uma casa editorial: LIBROS Y EDITORIALES. A artista então reproduz a tipologia e o material dos letreiros para criar outras associações capazes de evocar uma biblioteca imaginária, vinculada ao espaço público, em que os livros aparecem como sujeitos catalizadores de afetos e ações⁶. Assim, lemos as sequências em letreiros coloridos – *Libros y transformaciones, libros y afectos, libros y potencias, libros y rebeliones, libros y desastres*. Em **LIBROS Y** se faz presente um entrelaçamento caro a toda a exposição, qual seja, aquele existente entre as dimensões macro e micropolíticas. A artista sabe que toda luta macropolítica deve se dar incluindo a esfera micropolítica, ou seja, aquela do desejo, do inconsciente, do cotidiano, da lógica "molecular" capaz de operar por toda parte, desde as menores até as maiores estruturas.

Não é por acaso que os mesmos que trabalham por um mundo sem florestas, sem educação, também trabalhem por um mundo sem arte, sem cultura. A possibilidade de criação de outros mundos possíveis na esfera da arte a torna um elemento de força singular no que toca a chance de imaginarmos um futuro diverso desse forjado por uma "humanidade zumbi". Semear uma imaginação política obturada por meio de um novo destino para as palavras e, nesse lance, desfazer o nó que captura as forças vitais que geram movimento, eis o que nos endereça Marilá Dardot em **ainda sempre ainda**.

volatility of the sensorial, and another one which is stable, eternal, intelligible, and stripped of flesh and bone. In such a project, rational discourse becomes the privileged mode of knowledge. This means written rational discourse. In the West, in its metaphysical history, since Plato, the written word has been given precedence; as compared to images, it enabled conceptual abstraction and was 'freed' of the residues of the sphere of the sensitive/feeling. As that which was not directly connected to the physical world, but closer to the suggestion that we "see with the eyes of the spirit", writing took precedence as a pedagogical path to the truth, to essence and to intelligibility.

What the artist does in all the works introduced here is precisely to place words in close dialogue not only with the world of life, in its sensitive, image-based dimension, but also with the sphere of the body and action. The gestures of cutting, tearing, editing, shifting position, and pasting are as important as what is being said and read. In subverting the ideal place for words, Dardot seeks, at the same time, to expose the power game they are a part of, recovering their power to generate astonishment. Astonishment that may then become the seed of action.

The proximity that word and act have with means to expose how hegemonic narratives are constructed is portrayed in **Ações do mundo [Actions of the World]**

(2021). Here we witness again the act of subtraction as a motor for new meaning. Pages from the "Nations of the World" map collection are peeled away to form fragmented cartographies. Juxtaposed on these altered maps are the indexes of the books in which we read phrases of nationalist tone, such as "The giant of South America", "Explorations and conquests", "Rich and poor, white and black". At the top of the piece, the fabric of the cover is folded over, hiding the letter *N* and thus turning the word "nations" into "actions". In this subtle movement, the artist exposes just how much fiction there is in certain geopolitical constructions, which means, in turn, that other configurations are possible.

Unraveling the way in which the use of words perpetuates power is also the theme of **Domine seu idioma [Master your language]** (2021), in which a set of dictionaries serves as pillar for a game of expressions that are a part of speech. The idea of a common language is replaced with that of "your own language", premised on differences and dissidence and creating a space for simultaneously diverse and singular connections.

The subversion of the role that books play, in eternalizing the powers that be, is the theme of the last series, **LIBROS Y [Books And]** (2022). The work originates in the artist's encounter with a street sign in Mexico City that advertised a publishing house, LIBROS Y EDITORIALES. The artist

reproduces the font and material of these signs to create other associations, to evoke an imaginary library, linked to a public space in which books are agents that catalyze feeling and action.⁶ We read the following phrases, in colorful letters: *Libros y transformaciones, libros y afectos, libros y potencias, libros y rebeliones, libros y desastres* [Books and transformations, books and affections, books and potencies, books and rebellions, books and disasters]. In LIBROS Y, an intertwining that is dear to the entire exhibition comes to the forefront, the one that links macro and micropolitical dimensions. The artist knows that every macropolitical struggle must include the micropolitical sphere – of desire, the unconscious, everyday life, and "molecular" logic capable of operating everywhere, from the smallest to the largest structures.

It is not by chance that the same people who foster a world without forests, without education, also work toward a world without art, without culture. The possibility that the sphere of art offers for imagining other worlds turns it into an element of singular strength, capable of suggesting a future different from the one forged by a "zombie humanity". By sowing a political imagination that forges a new destiny for words, it undoes the knot that imprisons the vital forces which generate movement; this is where Marilá Dardot wants to lead us, in **still ever still**.



MARILÁ DARDOT

Modelo para armar
A Model kit

2022

Colagem de recortes de revistas sobre fragmentos de caixas de papelão
Collage of magazine clippings on cardboard box fragments

Cortesía da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

¹ Vale sublinhar o contexto no qual a exposição está inserida no MUPA. Sobre isso, a diretora Gabriela Bettega escreveu, em uma troca de e-mails: "Há sempre o intuito de proporcionar ao público um conjunto de mostras heterogêneas durante o percurso de visitação e que, de algum modo, se 'complementam' através de fricções ou diálogos que essas aproximações inesperadas acabam desencadeando. Basta pensar que a mostra que precede a exposição 'ainda sempre ainda' se intitula 'Conflitos armados no Paraná', ou outra que se coloca no mesmo andar que traz a enva-mate como elemento norteador e se intitula 'Eu memória, eu floresta: história oculta'. Estamos sempre buscando uma intertextualidade entre arte e ciência – manifestada seja por temáticas históricas, antropológicas ou arqueológicas, uma vez que essas se traduzem nos departamentos de pesquisa que temos no MUPA. A exposição da Marilá Dardot é perfeita para criar essa intertextualidade".

² Vale notar que todos os recortes de revistas aqui reunidos foram retirados de publicações datadas entre o ano de 1973 até 2022. Ou seja, o tempo de vida da artista. O cruzamento entre tempo histórico e tempo biográfico, entre macro e micropolítica percorre toda a exposição.

³ Sobre as relações políticas entre discurso e ação, ver "A condição humana", Hannah Arendt, Forense Universitária, 2004. "(...) A vida sem discurso e sem ação está literalmente morta para o mundo; deixa de ser uma vida humana, uma vez que já não é vivida entre os homens. É com palavras e atos que nos inserimos no mundo humano." (pág. 188)

⁴ Ver link https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html. Nesse mesmo texto, Brum escreve sobre a fatídica noite de 17 de abril de 2016: "Na votação da Câmara dos Deputados que decidiu pela abertura do processo de impedimento da presidente Dilma Rousseff (PT), em 17 de abril, o deputado federal Jair Bolsonaro (PSC) mostrou o que acontece num país em que as palavras

perderam a alma. Ao votar pelo impeachment, ele homenageou um dos maiores torturadores da ditadura civil-militar: "Pela memória do coronel Carlos Alberto Brilhante Ustra, o pavor de Dilma Rousseff, pelo exército de Caxias, pelas Forças Armadas, pelo Brasil acima de tudo e por Deus acima de tudo, o meu voto é sim". Marilá Dardot tem um trabalho que dialoga justamente com as palavras ditas na votação que desencadeou o golpe contra a presidente Dilma Rousseff – chama-se **A República** (2016). Ver <https://www.mariladardot.com/2015-now>

⁵ Walter Benjamin, "Teses sobre o conceito de história". Obras escolhidas – V. I, P. 224

⁶ Essa obra de Marilá Dardot remete ao aforismo de F. Nietzsche, "O livro quase tornado gente": "Para todo escritor é sempre uma surpresa o fato de que o livro tenha uma vida própria, quando se desprende dele; é como se parte de um inseto se destacasse e tomasse um caminho próprio. Talvez ele se esqueça do livro quase totalmente, talvez ele se eleve acima das opiniões que nele registrou, talvez até não o compreenda mais, e tenha perdido as asas que voava ao concebê-lo: enquanto isso o livro busca os seus leitores, inflama vidas, alegra, assusta, engendra novas obras, torna-se a alma de projetos e ações – em suma: vive como um ser dotado de espírito e alma, contudo não é humano. A sorte maior será do autor que, na velhice, puder dizer que tudo o que nele eram pensamentos e sentimentos fecundantes, animadores, edificantes, esclarecedores, continua a viver em seus escritos, e que ele próprio já não representa senão a cinza, enquanto o fogo se salvou e em toda parte é levado adiante. Se considerarmos que toda ação de um homem, não apenas um livro, de alguma maneira vai ocasionar outras ações, decisões e pensamentos, que tudo o que ocorre se liga indissolúvelmente ao que vai ocorrer, perceberemos a verdadeira imortalidade, que é a do movimento: o que uma vez se moveu está encerrado e eternizado na cadeia total do que existe, como um inseto no âmbar". Humano, Aforismo 208. Companhia das Letras, 2005.

Vista da sala expositiva
Exhibit room

¹ It is worth underlining the context of this exhibit within the MUPA's program. Museum director Gabriela Bettega, in an email exchange, wrote, "We always attempt to provide the public with a set of heterogeneous exhibits that, over the course of one's museum visit, complement one another, to some extent, through the frictions and dialogues that their unexpected interaction causes. Two other exhibits serve as examples here: preceding 'ainda sempre ainda' (still always still) is *Conflitos armados no Paraná* (Armed conflicts in Paraná), as well as another exhibit on the same floor, intitled 'Eu memória, eu floresta: história oculta' (I am memory, I am forest: the hidden story) which revolves around the mate plant. We persistently seek an intertextuality that brings art and science together. This is manifested in our historical, anthropological, and archeological themes, which in turn reflect the MUPA's different research departments. Marilá Dardot's exhibit is perfect for this intertextual design."

² It should be kept in mind here that all the newspaper clippings used in this work were taken from publications spanning 1973 –2022. Precisely the period that covers the artist's own life. The intersection of historical and biographical time, and of macro and micropolitics, runs through the entire exhibit.

³ On the political relations between discourse and action, see Hannah Arendt's 'The Human Condition' (Forense Universitária, 2004), "(...) Life without discourse and action is literally dead to the world; it is no longer a human life, since it is not shared among humans. It is through words and acts that we take part in the human world" (p. 188)

⁴ See https://brasil.elpais.com/brasil/2016/06/20/opinion/1466431465_758346.html. In the same text, Brum writes about the fateful night of April 17, 2016, "In the Congressional vote that moved to initiate the impeachment of President Dilma Rousseff (PT), on April 17, federal deputy Jair Bolsonaro (PSC) showed

what happens in a country where words have lost their soul. In his vote for impeachment, he paid tribute to one of the greatest torturers of the Brazilian civil-military dictatorship, saying "In memory of Colonel Carlos Alberto Brilhante Ustra, Dilma Rousseff's persecutor; for the Caxias army, for the Armed Forces, for Brazil above all and for God above all, my vote is yes". Marilá Dardot has a piece – **A República** [The Republic] (2016) – that engages with words that were pronounced in the vote that triggered the coup against President Dilma Rousseff. See <https://www.mariladardot.com/2015-now>

⁵ Walter Benjamin, *Teses sobre o conceito de história*. Obras escolhidas – V. I, P. 224

⁶ This work by Marilá Dardot refers to F. Nietzsche's aphorism, "The book almost becomes a person": "For every writer it is always a surprise that the book has a life of its own, when it separates from him; it's as if part of an insect split itself off and went down a path of its own. Perhaps he forgets the book almost completely, perhaps he rises above the opinions he has recorded in it, perhaps he doesn't even understand it anymore, and has lost the wings he flew with at its conception: meanwhile the book seeks its readers, ignites lives, rejoices, frightens, engenders new works, becomes the soul of projects and actions – in short: it lives as a being endowed with spirit and soul, yet is not human. The greatest luck belongs to the author who, in old age, can say that everything was fertile, encouraging, edifying, enlightening thoughts and feelings in him, and continues to live on in his writings, and that he himself no longer represents anything but the ashes, while the flames continue to burn and everywhere are carried forth. When we consider that every action of a man, not just a book, will somehow bring about other actions, decisions, and thoughts, that everything that happens is indissolubly linked to what will happen, we perceive true immortality, which is that of movement: what once moved comes to an end and is eternalized in the whole chain of that which exists, like an insect in amber". Humano, Aphorism 208. Companhia das Letras, 2005.

AINDA, SEMPRE, AINDA: reescrever uma cartografia, transliterar a palavra

A inflexão temporal que se apresenta desde o título da exposição invoca, de imediato, o trabalho da memória. Entre figura e fundo, clareza e opacidade, o gesto de Marilá Dardot é aquele assinalado por Walter Benjamin: “Trata-se de se apropriar de algo perigoso, que clama por se repetir com violência”. É justamente na força desse ato de artista de reconfigurar o mundo e o tempo que a repetição pode ganhar novos sentidos históricos e poéticos.

O trabalho de Marilá Dardot abriga, desde sempre, uma relação com a cintilância da letra, na relação direta com a literatura ou na força de capturar os jogos semânticos da linguagem. Essa marca agora se dobra, desdobra, duplica, mistura discursos em uma construção labiríntica que concede voz à ambiguidade da palavra e abriga uma irradiação incessante que busca o impronunciável que habita a língua. Há também a sensibilidade que se debruça sobre temáticas apagadas da história, repetições do uso de palavras que ganham direções e significados heteróclitos, como os dois advérbios escolhidos – *ainda* e *sempre*. Juntos e fazendo uma espécie de justaposição, eles funcionam como abertura para o enigma e uma maneira de desvio à impostura da língua. *ainda sempre ainda* é uma exposição que, desde a entrada, se sustenta em um estado de perda, numa relação de crise com a linguagem.

Em *Linha do tempo* outra dobra se configura: advérbios recortados de revistas publicadas no Brasil desde 1973 – ano de nascimento da artista – e colados sobre uma superfície, formam uma linha de tempo em que se projeta a possibilidade de uma outra passagem, que escoar por entre as palavras, uma curva que embaralha passado, presente e futuro. As questões ali abrigadas aprofundam a discussão anunciada por Georges Didi-Huberman em “Diante do tempo”: a dimensão de uma temporalidade complexa e difusa. Para ele, o pensamento de Walter Benjamin, que está na base de seu modelo anacrônico, sugere que qualquer narrativa histórica é feita por uma montagem de elementos heterogêneos. Em termos benjaminianos, há uma atualidade no passado quando este é visto através das imagens. Na linha do tempo criada por Marilá Dardot, o que se coloca em cena é justamente a desmedida desse impossível, uma aposta na pequena

revolução que efeito dialético palavra e imagem, sustentando a enunciação ao massacre da memória.

Em *Palavra* capas descascadas e Letraset que, em duplas, poeira promove desenham de tensão, ora do a dimensão de assombro diante da palavra – ou a própria palavra como “figura de espanto” – se abriga no ato de arrancar a capa dos livros, dando a ver os restos e camadas pictóricas até a sulcagem mesmo da superfície com a escrita: rememoração das paredes de uma caverna que, mais tarde, nos conduzem ao papel. A artista reconhece que nesse trajeto se desenha todo um percurso da grafia, ou mais propriamente da letra: do estilete à pena, da pena à caneta, da letra cursiva à letra de forma, do manuscrito à tipografia e à imprensa. Como gesto de resistência, a escrita sobrevive acolhendo o indizível e o impronunciável, mas não deixando de operar também sua ultrapassagem com um armazém de sinais que celebra o encontro com outras vozes e grafias. Das palavras tantas – entre as cansadas e pálidas, secretas e mágicas, ditas e caladas – forja-se um mundo: da impotência ao impossível, um outro mapa com suas marcas, manchas e litorais.

Em *Modelo para armar*, uma instalação com colagem sobre fragmentos de caixas de papelão abriga substantivos recortados de revistas antigas. As caixas, que já não servem para serem utilizadas, funcionam como abrigo de narrativas históricas, políticas, afetivas e a própria linguagem entra em cena para ser rearranjada e ressignificada como projéteis de uma operação simbólica. O título da obra é uma referência a um

BIANCA DIAS

em que o escritor faz a narrativa a partir de peças mutáveis, em uma “armação” em que deslocamentos diversos das palavras procuram eliminar qualquer fixidez, abrindo os sentidos para que o leitor faça sua montagem pessoal dos elementos e acabe por escrever a história. A obra de Marilá Dardot também

acontece pelo que se dá entre gem, sustentando como última saída imaginário e político.

figura de espanto cadadas de livros tocam evanescente de palavras nos pontos de estilhaço e vem encontros e ranhuras horizontes ora improváveis e de fluidez e harmonia, mostrando a dimensão ambígua e delirante da palavra. O



MARILÁ DARDOT

Palavra figura de espanto #1 Word figure of amazement

2022

Capas de livros descascadas e Letraset
Peeled book covers and Letraset

Coleção / Collection
Gabriel Aleixo

MARILÁ DARDOT

Palavra figura de espanto #2 Palavra figura de espanto #3 Word figure of amazement

2022

Capas de livros descascadas e Letraset
Peeled book covers and Letraset

Cortesia da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

Still, ever, still: rewriting a cartography, transliterating the word

The temporal inflection in the exhibition title invokes, at once, the labor of memory. In between figure and ground, clarity and opacity, Marilá Dardot's gesture is one Walter Benjamin described: "It is about appropriating something dangerous, which clamors to repeat itself with violence." The strength of this artist-like act of reconfiguring the world and time is precisely where repetition can take on new historical and poetical meanings.

The work of Marilá Dardot has always been connected to the sheen of letters, in its direct relationship with literature or its power to capture the semantic games of language. Now, this hallmark folds over, unfurls, duplicates, amalgamates discourses in a labyrinthine construct that lends a voice to the ambiguity of the word and harbors a ceaseless emanation that strives for the unutterable that inhabits language. There is also the sensibility that delves into themes erased from history, repeated words which take on heteroclitic directions and meanings, like the two adverbs chosen – *still* and *ever*. Together and in a way juxtaposed, they function as a glimpse into the enigma and a way to work around the imposture of language. *ainda sempre ainda* [still ever still] is an exhibit underpinned from its entrance on in by a state of loss, a relationship of crisis with language.

In *Linha do tempo* [Timeline], another fold takes place: adverbs clipped from magazines published in Brazil

since 1973 – the artist's year of birth – and pasted on a surface create a timeline that projects the possibility of another passage, that trickles down amidst the words, a curve that scrambles up past, present and future. The questions therein delve deeper into the discussion ushered in by Georges Didi-Huberman in "Before time": the realm of a complex, diffuse temporality. He argues that the thinking of Walter Benjamin, which underlies his anachronistic model, suggests that all historical narratives are composed of an assembly of heterogeneous elements. In Benjaminian terms, there is a currency to the past as seen through images. In the timeline Marilá Dardot creates, what comes into play is precisely the immoderateness of this impossibility, a wager on the minor revolution wrought by the dialectic effect that takes place between word and image, supporting enunciation as the last way out of the imaginary and political onslaught.

In *Palavra figura de espanto* [Word figure of amazement], peeled-off book covers touch the evanescent materiality of word pairs which, in damaged, dusty spots, promote encounters and grooves that outline alternately improbable and tense, fluid and harmonic horizons, showcasing the ambiguous, delirious dimension of the word. The amazement in the face of the word – or word itself as a "figure of startlement" – resides in the act of tearing off books' covers to reveal the pictorial remnants

and layers, down to the actual groove created by writing upon the surface: remembrance of the walls of a cave that eventually led us to paper. The artist recognizes that in this journey, an entire trajectory of writing, or of letter, to be more exact: from stylus to quill, from quill to pen, from cursive to block letters, from manuscript to typography and the printing press. As a gesture of resistance, writing survives by welcoming the unsayable and unpronounceable, while also overtaking it with a warehouse's worth of signs that hails the encounter with other voices and handwritings. Out of so many words – tired and livid, secretive and magical, uttered and held back – a world is forged: from impotence to the impossible, a different map with its marks, stains and coastlines.

In *Modelo para armar* [A Model kit], an installation and collage on cardboard box fragments features nouns cut out from old magazines. The now useless boxes harbor historical, political, affective narratives, and language itself enters the picture to be rearranged and re-signified like projectiles in a symbolic operation. The piece's title references a book by Julio Cortázar, in which he spins a narrative out of mutable pieces, in an "assembly" where various word displacements set out to purge any fixedness, opening up meanings so the reader can assemble the elements their own way and ultimately write the story themselves. The work of

nos convoca como leitores ativos. Seu trabalho não visa à produção de um sentido estanque, não produz nenhum tipo de explicação que fixe o sujeito. Sua obra é uma espécie de ancoragem que também é deriva e convida à produção de novas palavras que possam recriar a existência, na vertigem mesma do estranhamento.

Em **Ações do mundo**, seu ato de tentar arrancar capas de livros sobre nações do mundo revela a beleza de fragmentos de mapas que compõem novas geografias. Os índices dos livros anunciam capítulos que descrevem países a partir de frases nacionalistas e imperiosas. Uma parte do tecido da capa, dobrada, dá título ao trabalho, subvertendo a ideia de nação para ação: as nações se tornam ações do mundo desestabilizando o mundo familiar pelo manuseio inventivo do idioma, promovendo a mestiçagem de substâncias heterogêneas: palavra e imagem que, pela força do gesto ou de uma dobra, revelam que a experiência de reabitar o corpo e habitar a palavra pode refundar o mundo.

No mesmo diálogo, se recria uma ideia de país em **O Brasil O Brasil**. Invocando a espessura da palavra em sua aparente simplicidade, as palavras “O Brasil” – também recortadas de revistas antigas – são coladas sobre uma superfície de cor neutra, mas diferentes cores e tipologias se apresentam como um ensaio de aguda força política. Como acontece em **Linha do tempo**, uma dimensão é revirada e aqui, como dito por Walter Benjamin, “a verdadeira imagem do passado perpassa, veloz”. Marilá Dardot incorpora essa dimensão do tempo em sua própria existência: quase 50 anos depois de seu nascimento e atravessando a história do país, faz de seu trabalho uma verdadeira transmissão da experiência naquilo que o mais singular e pessoal pode dizer ao coletivo.

A série **LIBROS Y** nasceu de um letreiro de rua de uma casa editorial – LIBROS Y EDITORIALES – na Cidade do México. A tipologia e o material daquele anúncio foram reproduzidos para criar outras associações, como categorias possíveis de uma biblioteca imaginária em que os livros aparecem como catalisadores de sentimentos e ações. Os eventos que o livro pode gerar, tanto político, encontram um novo mundo a partir da versão, desastre, potências, transformações sinalizam que, para reescrever as palavras que fazê-lo letra a letra – uma aventura que vai do sentido e toca um ponto insondável: o desconhecido”. As experiências trazidas visam diretamente o sentido, mas vasculham mais nada, apostas na subversão da língua. Essa transfiguração é destacada por Roland Barthes que afirma: “Toda a à letra”, uma aventura que se situa à margem das pretensas finalidades da ação, no centro de sua ação.

no contexto íntimo quanto no palavra: prazer, rebelião, sub- ou insurreições. Seus letrados compõem a história, devemos além da comunicação, além seu “ponto de contato com nas palavras dos letrados não os traços que são, antes de e de seu poder transfigurador. Barthes que afirma: “Toda a à letra”, uma aventura que se situa à margem das pretensas finalidades da ação, no centro de sua ação.



MARILÁ DARDOT

Ações do mundo [detalhes]

Actions of the world [details]

2021

Capas de livros sobre nações do mundo descascadas e páginas de índices

Peeled book covers about world nations and index pages

Cortesia da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

Domine seu idioma, frase que a artista encontrou em um dicionário, ganha novo sentido. Novamente, a exploração da letra em seu aspecto gráfico, imagético, abre as portas de uma dimensão da linguagem que não se deixa fixar em nenhuma decifração. Um conjunto de dicionários empilhados com intensa força cromática, representando um paradigma em que as palavras perpetuam poderes e privilégios, é retomado em um devir imprevisível. As palavras, por sua vez, não se deixam tomar pacificamente como partes de um discurso. Elas deslizam criando uma ética que aponta para o avesso de uma ordem imperativa.

Nas brechas onde pode-se fazer poesia, Marilá Dardot reinventa a utopia dando-lhe densidade única. Dominar o idioma é saber se movimentar no tempo e para além do sentido: *em outras palavras poder tomar a palavra, honrar a palavra*, encontrar na ponta da língua mais do que a promessa ou a esperança de um lugar ideal: o tremor que nos faz vivos e recria o tempo. Como alerta Walter Benjamin: “Conhecer o passado não significa conhecê-lo como ele de fato foi. Significa apropriar-se de uma reminiscência, tal como ela relampeja no momento de um perigo”.

Ainda, sempre, ainda.

Marilá Dardot also calls upon us as active readers. Her work is not intended to produce stationary meaning; it does not produce subject-fixating explanations of any sort. Her work is a kind of anchoring that is also adrift and invites the production of new words that may recreate existence, in the very vertigo of unfamiliarity.

In **Ações do mundo** [**Actions of the world**], her act of attempting to tear off the covers of books on nations of the world reveals the beauty of map fragments that compose new geographies. The books' indexes announce chapters that describe countries in nationalist, imperious sentences. A portion of fabric from the cover, folded over, gives the piece its title, subverting the idea of nation into action: nations become the world's actions, destabilizing the familiar world through inventive handling of language, promoting the mestizaje of heterogenous substances: word and image which, in the strength of a gesture or a fold, reveal that the experience of reinhabiting the body and inhabiting the word can found the world anew.

In that same dialogue, an idea of country gets recreated in **O Brasil O Brasil** [**Brazil Brazil**] invoking the thickness of the word in its apparent simplicity, the words “The Brazil” – also clipped from old magazines – are pasted on a neutral-color surface, yet different colors and typologies come across as an essay of acute political strength. Akin to **Linha do tempo**, a dimension gets turned on its head, and here, as Walter Benjamin put it, “The true picture of the past flits by.” Marilá Dardot incorporates this dimension of time into her own existence: nearly 50 years after her birth and across the history of the country, she makes her work a true relay of experience in what the most singular and personal can say to the collective.

The **LIBROS Y** series was born from the sign lettering of a Mexico City publishing house – LIBROS Y EDITORIALES. The typology and material in the signage were replicated to create other associations, like possible categories in an imaginary library whose books are the catalysts to feelings and actions. The events the book can generate, in the

intimate as well as the political spheres, find a new world through words: pleasure, rebellion, subversion, disaster, potencies, transformations or insurrections. The lettering indicates that the rewriting of words that compose history must be done one letter at a time – an adventure which transcends communication and meaning to touch on an inscrutable point: its “contact point with the unknown.” The experiences that the words in the lettering carry do not target meaning directly, but scurry through the lines which, first and foremost, are bets on the subversion of language and its transfiguring power. Such transfiguring is highlighted by Roland Barthes, who argues: “All poetry, all unconscious is a return to the letter,” an adventure situated at the margins of the purported purposes of language, and precisely for that reason, at the center of its action.

Domine seu idioma [**Master your language**], a saying the artist found in a dictionary, takes on fresh meaning. Once again, the exploration of letters in their graphical, imagistic aspect opens doors to a dimension of language that will not allow itself to be fixated by any deciphering. A set of piled-up dictionaries with intense chromatic power, representing a paradigm whereby words perpetuate power and privilege, gets reclaimed in an unpredictable future. Words, in turn, will not allow themselves to be easily taken as pieces of a discourse. They glide, creating an ethics that points to the reverse of an imperative order.

In the cracks where poetry can be made, Marilá Dardot reinvents utopia, imbuing it with unique density. To master the language means to be able to move through time and beyond meaning: *in other words, to be able to conquer the word, to honor it*, to find, on the tip of the tongue, more than the promise or the hope of an ideal place: the tremor that makes us alive and recreates time. As Walter Benjamin admonishes: “To articulate what is past does not mean to recognize how it really was. It means to take control of a memory, as it flashes in a moment of danger.”

Still, ever, still.



MARILÁ DARDOT

Ações do mundo
Actions of the world

2021

Capas de livros sobre nações do mundo
descascadas e páginas de índices

*Peeled book covers about world nations
and index pages*

Cortesia da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

LIBROS Y POTENCIAS

LIBROS Y DESASTRES

LIBROS Y REBELIONES

MARILÁ DARDOT

Libros y potencias

Books and powers

Libros y desastres

Books and disasters

Libros y rebeliones

Books and rebellions

2022

Perfil de aço galvanizado e pintura esmalte
Galvanized steel profile and enamel painting

Cortesia da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

O MUSEU PARANAENSE

(MUPA) recebe **ainda sempre ainda**, exposição individual da artista Marilá Dardot. Formada por um conjunto de objetos e instalações, com livros e mapas, seus trabalhos aqui apresentados tomam a palavra como elemento central e convocam a presença do público como espectador-leitor — sujeitos que criam imagens e novos significados a partir do que o conjunto de palavras evoca.

Marilá Dardot possui uma extensa produção artística que se apresenta em vídeos, fotografias, instalações, esculturas entre outros meios. A linguagem e a literatura, articulados ao interesse de analisar temas apagados pelas história e a efemeridade das notícias, têm figurado como o motor de sua criação. Nesta exposição, que acontece em meio às atividades vinculadas aos 200 anos de Independência, Dardot reflete, entre tantas coisas, sobre linguagem, história e memória do Brasil. A exposição é um convite a pensar sobre o país por meio da arte.

ainda sempre ainda ocupa a sala Lange de Morretes de setembro de 2022 a fevereiro de 2023. Este espaço, dedicado às exposições de curta e média duração realizadas em parceria com outras instituições, ou por meio de convites, é um local pulsante do museu — pela movimentação que propor-

ciona e pelo grau de experimentação dos projetos apresentados nele —, e traz obras e acervos para além das coleções da instituição.

A presença da arte contemporânea faz parte da reorientação do MUPA que vem, desde 2019, buscando criar diálogos entre seus campos tradicionais de pesquisa — arqueologia, antropologia e história — e as diferentes linguagens artísticas. Essa atuação possibilitou investigações sobre objetos de valor histórico e cultural por agentes dos campos científicos e artísticos, permitindo uma ampliação no entendimento sobre a cultura material e imaterial salvaguardada na instituição.

The Paraná State Museum (MUPA) welcomes **still ever still**, artist Marilá Dardot's individual exhibit. Made up of a set of objects and installations, books and maps, the works of hers that are presented here take the word as a key element and invite the public in as spectator-reader — subjects who create images and new meaning through that which the artist's whole set of words evokes.

Marilá Dardot possesses an extensive body of artwork that uses video, photography, installations and sculpture, among others. Language and literature, connected to her interest in the analysis of themes that history has erased and the ephemerality of the

news, have loomed large as her engines of creation.

In this exhibit, which occurs amid activities connected to the Bicentennial of Brazilian Independence, Dardot ponders, among other things, the meaning of language, history and memory in Brazil. The exhibit is an invitation for reflections on Brazil through the arts.

still ever still will be in the Lange de Morretes Exhibit Hall from September of 2022 to February of 2023. This space, devoted to short and medium term exhibits carried out in partnerships with other institutions, or by invitation, is a pulsating spot in the museum — due perhaps to the way it encourages movement or to the experimental

energy of the works shown there — and is host to works and collections beyond those that belong to the institution.

The presence of contemporary art is part of the MUPA's new orientation, as since 2019 it has sought to create dialogue between its traditional fields of research — archeology, anthropology, and history — and different arts languages. This change has made it possible, on the part of agents from artistic and scientific fields, to carry out research on objects with historical and cultural value, thus enabling a broadened understanding of the tangible and intangible cultural that our institution safeguards.



ACIMA / ABOVE
MARILÁ DARDOT

O Brasil O Brasil [detalhe] / Brazil Brazil [detail]

2022

Colagem de recortes de revistas sobre placa de alumínio composto
Collage of magazine clippings on aluminum composite board

Cortesia da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

CAPA / COVER
MARILÁ DARDOT

ainda sempre ainda / still ever still

2022

Cortesia da artista e Galeria Vermelho
Courtesy of the artist and Galeria Vermelho

Créditos da exposição Exhibition credits

Artista
Artist
Marilá Dardot

Texto crítico
Critical Text
Luisa Duarte

Revisão
Proofreading
Alessandro Manoel

Tradução
English Version
Lucas Adelman Cipolla
Miriam Adelman

Produção
Production
Marco Novack

Ação educativa
Educational action
Milena Aparecida Chaves
Roberta Horvath

Iluminação
Lighting
Iluminarte

Montagem
Exhibition Installation
Raul Fuganti

Secretaria da Comunicação Social e da Cultura

Governador do Estado do Paraná
Governor of the State of Paraná
Carlos Massa Ratinho Junior

Secretário de Estado da
Comunicação Social e da Cultura
State Secretary of Social
Communication and Culture
João Evaristo Debiasi

Diretor-Geral da SECC
General Director of SECC
Diego de Oliveira Nogueira

Superintendente-Geral da Cultura
General Superintendent of Culture
Luciana Casagrande Pereira

Coordenador do Sistema
Estadual de Museus
Coordinator of the Museums
State System
Alexandre Modesto Cordeiro

Assessoria de Comunicação
Communication Consulting
Dani Brito

Assessoria de Design
Design Consulting
Rita Solieri Brandt

MUSEU PARANAENSE

Diretora
Director
Gabriela Betttega

Direção Artística
Artistic Direction
Richard Romanini

Gestão de Conteúdo,
Produção e Comunicação
Content, Production and
Communication Management
Giselle de Moraes

Departamento de
Arquitetura e Design
Architecture and Design Division
Carolina Bassani
(residente técnica)
Juliana Ferreira de Oliveira

Departamento de Antropologia
Anthropology Division
Josiéli Andréa Spenassatto
Isabela Brasil Magno
(residente técnica)

Departamento de Arqueologia
Archaeology Division
Claudia Inês Parellada

Departamento de História
History Division
Felipe Vilas Bôas
Barbara Fonseca
(residente técnica)

Departamento Educativo
Educational Division
Rejane Zimmer da Costa
Sandra Mara Gutierrez

Gestão de Acervo
Collection Management
Denise Haas
Giovanni Amaral Cosenza
(residente técnico)

Laboratório de Conservação
e Restauro
Conservation and
Restoration Laboratory
Esmerina Costa Luis
Janete dos Santos Gomes

Estagiárias
Interns
Amanda de Oliveira
Amanda Carolina
Anhaia Rodrigues
Amanda Cristina Nery
Venancio da Silva
Felipe Schwarzer Paz
Gabriel Ruviano Gomes
Giovana Armelin Simão
Letícia Mara Walger
Livia Maria de Paula Neves

Comunicação (Mídias Sociais)
Communication (Social Media)
Talita Braga

Segurança
Security
José Carlos dos Santos

Supervisor de Montagem
Exhibition Installation Supervisor
Rogério Rosário

Agradecimentos Acknowledgements

O Museu Paranaense agradece aos patrocinadores sem os quais a exposição *ainda sempre ainda*, prevista no Plano Biannual 2021-2022 do Museu Paranaense, não aconteceria.

Às equipes da Secretaria de Estado da Comunicação Social e da Cultura, da qual fazemos parte: ao seu corpo administrativo, bem como aos técnicos, estagiários e voluntários.

À curadora Luisa Duarte e à psicanalista e crítica de arte Bianca Dias pelos textos presentes na exposição e neste impresso.

Ao colecionador Gabriel Aleixo e Galeria Vermelho pelo empréstimo das obras.

Em especial, o Museu Paranaense agradece à artista Marilá Dardot pela realização deste projeto em conjunto.

Esta exposição está localizada na sala Lange de Morretes, com abertura em 13 de setembro de 2022.

This ongoing exhibition is located on the Lange de Morretes room, opened on September 13th, 2022.

Terça a domingo
10h—17h30
Tuesday to Sunday
10am—5h30pm

Entrada gratuita
Free admission

MUSEU PARANAENSE

Rua Kellers 289
Alto São Francisco
Curitiba, Paraná, Brasil
+55 41 3304 3300
museupr@secc.pr.gov.br

🌐 museuparanaense.pr.gov.br
f museuparanaense
@ museuparanaense



Lei de Incentivo à
CULTURA

PATROCÍNIO



REALIZAÇÃO

SAMP



SECRETARIA ESPECIAL DA CULTURA MINISTÉRIO DO TURISMO